

RETRATOS DA VIDA collages do caminhar e parar

Laura Lopes Cezar¹

Resumo

O caminhar é apresentado como exercício de memória, como *collage* de distintas temporalidades que se interpenetram para a construção de um espaço e tempo ficcional. Caminhar novamente, um retorno às sensações e percepções vividas no ato de caminhar, parar e observar a vida. Retratos da vida são fragmentos pessoais, guardados em caixas e álbuns, fotografias que despertam a memória afetiva, figuras mortas que são trazidas à vida, que se transformam em dor e alegria, cheiros, sons, texturas e em movimentos corpóreos. O caminhar é descrito como pequenas viagens, relatos do que vamos encontrando ao longo do caminho, alguns recortes da infância à vida adulta, trazendo reflexões sobre a viagem em curso e a vida da autora. O corpo que experimenta a contemporaneidade urbana em espaço e tempo distintos, que segue o bando e persegue corpos e finalmente vivencia a liberdade no corpo do outro. As narrativas se aproximam no tempo presente e se colam em uma *collage*, *collage*- fragmento que se transforma em uma cartografia afetiva.

Palavras-chave: memórias, narrativas, infância, viagens, caminhar e parar, nudez, *collage*.

PICTURES OF LIFE: walking and stopping collages

Abstract

Walking is presented as an exercise in memory, as a *collage* of different temporalities that interpenetrate for the construction of a fictional space and time. Walking again, a return to the sensations and perceptions experienced in the act of walking, stopping and observing life. Portraits of life are personal fragments, stored in boxes and albums, photographs that awaken affective memory, dead figures that are brought to life, that are transformed into pain and joy, smells, sounds, textures and bodily movements. Walking is described as short journeys, reports of what we find along the way, some cutouts from childhood to adulthood, bringing reflections on the ongoing journey and the author's life. The body that experiences urban contemporaneity in different space and time, that follows the gang and chases bodies and finally experiences freedom in the other's body. The narratives come together in the present time and stick together in a *collage*, *collage*- fragment that turns into an affective cartography.

keywords: memories, narratives, childhood, travel, walking and stopping, nudity, *collage*.

¹ Professora adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Doutorado em Comunicación Visual en Arquitectura y Diseño pela Universidade Politècnica da Catalunya, UPC, Barcelona (2008). Mestrado em Diseño Arquitectónico y Urbano pela Universidade Nacional de Córdoba, UNC, Argentina (2000). Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas, UFPEL (1995). arqcezar.14@gmail.com.

Introdução

Segundo Ítalo Calvino: “Seguir um percurso do começo ao fim proporciona uma especial satisfação, seja na vida, seja na literatura (a viagem como estrutura narrativa)” aqui o caminhar é descrito como pequenas viagens reflexivas do que vamos encontrando ao longo do caminho. A rua palco da vida, vida em processo:

A rua, que eu acreditava fosse capaz de imprimir à minha vida giros surpreendentes, a rua, com as suas inquietações e os seus olhares, era o meu verdadeiro elemento: nela eu recebia, como em nenhum outro lugar, o vento da eventualidade (André Breton, *Les pas perdus*. Paris, 1924. cit. Em CARERI, pg. 84.).

O presente trabalho utiliza-se da metodologia da *collage* na busca pela criação de novos sentidos, no desenvolvimento da lógica da escrita, na composição de figuras, e movimentos pela cidade, que saltam de um lugar para outro, selecionando e recortando cenas do cotidiano. Cenas banais, retiradas da infância chegando ao movimento do corpo nu no espaço urbano gerando inquietações na autora. Distintos tempos e imagens vão se colando no processo, o presente atrai o passado e vice-versa, figuras que se repetem e costuram a narrativa, como o elefante em neon em Amsterdam e o homem elefante. Ao ativar a memória a realidade incorpora a ficção, a narrativa mesmo partindo de vivências será sempre uma invenção, nossa memória sempre nos enganará no trajeto percorrido.

No percurso da escrita os registros fotográficos cumprem um papel fundamental, e acabam criando um mapa dos desejos, uma cartografia afetiva, cada fotografia desencadeia um processo de busca de outra história e outra fotografia, um processo rizomático, infinito e incompleto. As fotografias se configuram como dispositivos para a narrativa de breves histórias do *caminhar e parar* e, que se potencializam em uma *collage* realizada ao final do texto, com significados explícitos fazendo um recorte temático na narrativa escrita, aproximando a infância à experiência na cidade de Barcelona e apresentando outros significados implícitos à autora. O corpo em movimento pela cidade e as figuras se apresentam como *Collage* e narrativa são fragmentos incompletos à espera do próximo movimento, recorte e cola. *Collages* de um corpo que anseia por liberdade, fixado nas convenções socioculturais, que encontra frestas de liberdade no corpo do outro, um hospedeiro, que se deleita imaginando ser o outro que caminha vestido apenas de pele e tatuagem. O presente artigo pretende ser um dispositivo para ativar memórias na forma de *collage* do caminhar e parar dos leitores, criando leituras paralelas e diversas.

O título do artigo também faz alusão ao filme francês Retratos da Vida de 1981, de Claude Lelouch no qual a vida dos personagens tem seus caminhos cruzados, uma verdadeira *collage* de narrativas, que assisti na companhia da minha avó no antigo Cine Rei e finaliza ao som do bolero de Ravel.

A palavra *Collage* escrita na língua francesa revela sua origem na língua latina apresentando o sentido de coleger, unir. Fuão apresenta em seu livro *A Collage como trajetória amorosa* o processo da *collage* nas seguintes etapas: fragmentos, o recorte, o corpo figura, os encontros, encontros ao acaso e a cola. As etapas do processo se identificam com uma aventura amorosa, na captura de olhares, realização de vários encontros e desencontros, e a construção de uma composição, que não tem pretensões estéticas, quando as figuras finalmente se colam.

Os fragmentos na *collage* são autônomos, são pedaços, que podem ser independentes ou não do todo, ou seja descontextualizados. Segundo Fuão a fotografia pode ser o

registro de um fragmento. Ao retomarmos esses instantes eternizados no presente podemos reconstruí-los em nosso imaginário. O fragmento estimula a criatividade na busca de novos fragmentos e na idealização de completude. A collage permite romper segundo Fuão com as *falsas janelas* da fotografia, buscando eliminar a sua superficialidade e permitindo emergir significados mais profundos.

O recorte inicia o ato da collage e pode utilizar-se da tesoura e ou das próprias mãos como instrumento. O recorte é realizado pelo olhar seletivo, em um processo de busca e pela cisão da tesoura. O recorte se caracteriza pela descontinuidade, pelo rompimento de uma linguagem. Cria-se ao mesmo tempo o novo e um vazio delimitado pelo contorno do fragmento. O vazio pode significar a errância do fragmento, aquilo que esteve presente, uma presença, por meio de uma ausência. Como a silhueta formada a partir do recorte da minha figura na infância no hall do meu edifício, me descolando daquele contexto para incursionar sobre o mapa de Barcelona.

A tesoura estimula a criação e a descoberta: “Descobrir nada mais é que tirar o velo, libertar as figuras do retângulo, do enquadramento feito pela máquina fotográfica” (FUÃO, p. 35).

A collage pode ser realizada com as seguintes técnicas: *décollage*, a *inimage* e a *rollage*. A *decolagem* é um ato de descascar de retirar as camadas superficiais para chegar no interior, processo que se constrói pela destruição. A *inimage* trata do ato de descobrir o que se esconde no interior, um processo detalhado, preciso, de contornos claros, diferentemente da *décollage* que se faz aleatoriamente sem obedecer a uma regularidade. A *rollage* é uma técnica de desfiar as imagens, obter várias tiras em um ato manual de escutar o barulho de cada rasgo. A técnica ou as técnicas escolhidas quase sempre estarão subordinadas ao desejo dos encontros.

A collage realizada utiliza um fragmento de um mapa da cidade de Barcelona como forma de receber as figuras errantes que se deslocam e se encontram. O mapa é recortado e dobra sobre si o passeio marítimo, já não é mais real responde aos desejos da collage.

As duas imagens do homem nu presentes na collage sofrem interferência por meio do recorte da figura em sucessivas tiras, com o cuidado de não deformá-lo e preservar a sua identidade, ao mesmo tempo em que a cidade penetra entre suas frestas e a sua nudez deve ser reconstruída na mente do observador.

Segundo Fuão: “No encontro tudo perde claridade e identidade. O encontro amoroso é justamente isso, a perda de significado de cada um, de cada figura que renuncia, querendo transportar-se para outra figura.” A collage transforma a narrativa já não sou eu quem persegue o homem nu em Barcelona, mas a pequena Laura que abandona o edifício Uruguiana, realiza encontros impossíveis.

Não há regras, nem limites para os encontros amorosos entre as figuras, elas se movimentam, se repelem e se atraem livremente no processo da collage. Os encontros acontecem no intervalo entre o recorte e a cola. A collage permite aproximar diferentes escalas como a fachada do Mercado da Boqueria e a figura de deliciosas cerejas. Geralmente há mais figuras recortadas do que coladas no processo da collage, muitas são descartadas porque foram rejeitadas, é necessário que sejam desejadas por outros fragmentos, sem desejo não há collage. Minhas figuras descartadas foram parar numa gaveta a espera quem sabe de uma nova collage e a fotografia com minha prima foi fixada num painel de feltro verde em frente à minha escrivaninha, para lembrar carinhosamente que um dia nossa amizade foi genuína.

Encontros de figuras que não são apenas figuras mas presenças vivas de um tempo vivido e percorrido no traçado urbano.

Na trajetória amorosa diversos encontros acontecem se configuram como simulações e testes, o processo criativo das possibilidades compositivas, e quando chega o momento em que se efetiva o relacionamento amoroso a cola fixa as figuras. O desejo se dá pela captura de conseguir aquela ou aquelas figuras, como um colecionador de selos. Minhas figuras desejadas: rosas, diversas fotografias do *homem elefante* retiradas da internet, um enorme cravo vermelho que veio da infância, o dragão de São Jorge, eu no colo da minha avó ainda bebê, os peixinhos cor de laranja coincidentemente da mesma cor do meu macacão e da minha prima e do boné do homem elefante, floco de neve- o gorila albino (presente apenas na narrativa), o mercado da Boqueria lugar usualmente frequentado por mim, e a minha figura infantil trazendo à tona a curiosidade e as descobertas no ato de caminhar e seguir o rastro.

As narrativas foram construídas como a collage como encontros ao acaso, uma narrativa desejando a próxima narrativa, recortadas, aproximadas e coladas pelo desejo do encontro unidas pelas vivências no ato de caminhar, parar e deixar a vida acontecer.

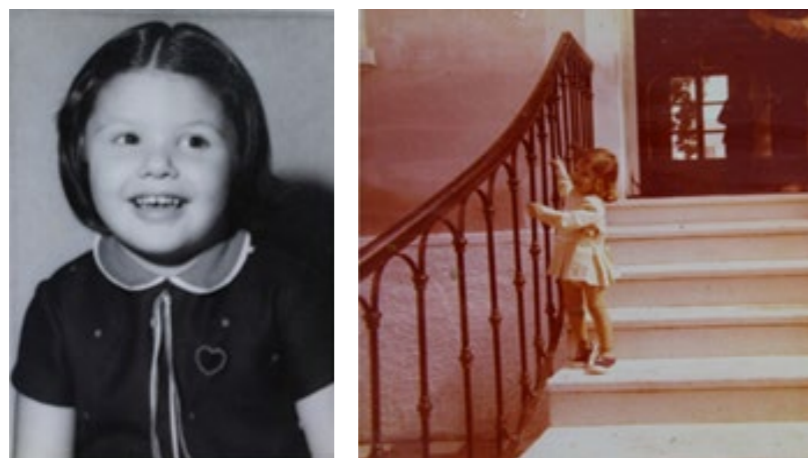
Retratos da Infância: caminhar e parar

Início a minha história do caminhar como *collage* na infância. Acompanhava minha avó desde o nosso apartamento no centro até o bairro da Cohabpel na cidade de Pelotas, aos 5 anos de idade, para visitar tia Célia, pela rua Andrade Neves. Na minha percepção caminhar aproximadamente 1km parecia uma longa jornada, o percurso lento quase infinito na companhia dela era extremamente agradável. Chegando lá gostava de brincar numa pracinha interna a qual tinha um mobiliário de concreto, uma composição de planos e cilindros projetado pelo amigo do meu tio José Raphael, o arquiteto Figueroa, que conjuntamente projetaram o conjunto habitacional, no final da década de 60. Com o tempo a estrutura foi ficando degradada e sem manutenção até que finalmente foi eliminada. Gostava muito de caminhar sozinha pelos percursos internos do condomínio, sentia que estava em uma pequena cidade dentro da cidade, com seus pequenos canteiros internos.

Lembro-me que foi minha avó quem me levou à pé para o meu primeiro dia de aula no jardim da infância. Muitas vezes cruzávamos juntas a *praça dos macacos*, atual Parque Dom Antônio Zattera, que naquela época realmente tinha macacos, para irmos comprar ovos no Asilo de Mendigos. Chegando lá era quase sempre o mesmo ritual, uma freira vestida de cinza nos atendia numa sala com um enorme pé direito, com uma escada muito bonita em madeira dourada, que sempre pedia para ser tocada. Os ovos nunca estavam lá, assim sempre ficávamos um tempo na sala até que voltasse e podia ficar apreciando a sala. Muitas vezes me era permitido brincar no jardim, com estreitos percursos, sentia-me envolvida pela vegetação, era completamente adequado à escala de uma criança. Gostava de ver os peixinhos cor de laranja, dentro de um espelho d'água que compunha o cenário de uma pequena gruta de pedra, que tinha uma imagem de Nossa Senhora.

O ato de caminhar era acompanhado de afeto e cuidado indispensável para iniciar a formar-se um sentido de pertencimento à cidade em meio a uma personalidade em construção. Passados mais de 20 anos, da ausência da minha avó, ainda me lembro do som do seu caminhar, do salto quadrado batendo no parquet, da sua elegância, mesmo pesando quase noventa quilos, do cheiro de talco espalhado pelo

Figura 1: Autora com 5 anos de idade. Fonte: da autora. Sem data.
Figura 2: Brincando na escada, Asilo de Mendigos, Pelotas. Fonte: da autora. Sem data



corpo antes de se vestir, do soutien que moldava o seio em formato de cone, que ajudava a fechar depois do banho.

Já minha mãe, caminhava pelo longo corredor de nosso apartamento para dentro e pra fora sem parar, quase sem entrar nos dormitórios, um caminhar acelerado e nervoso, garantindo desta maneira, chegar atrasada quase todos os dias na escola que trabalhava. Enquanto isto, eu e minha avó segurávamos a porta do elevador na esperança que saísse logo. Alguns anos atrás, com a enorme dificuldade de minha mãe para caminhar, que foi surgindo pouco a pouco, com o avanço da idade, começamos a nos desentender em pleno espaço público, nossas passadas perderam completamente a sincronia. Mas ela resistiu até quando foi possível, uma perfeita andarilha dos centros urbanos.

Aos sete anos, quando ingressei na primeira série, ia caminhando com minha prima para o colégio, sempre fui a pé para todas as escolas que estudei no primário, para uma criança era uma grande sensação de autonomia e liberdade, perdida para a maioria das crianças, que vão sempre acompanhadas, em função da insegurança sentida no espaço urbano contemporâneo.

Aos 12 anos controlava o horário para sair rumo ao Colégio Municipal Pelotense para garantir que iria cruzar por um menino de olhos verdes que ia em direção ao colégio Gonzaga. O ritual era sempre o mesmo, nos cumprimentávamos e depois de passarmos um pelo outro nos virávamos e nos víamos por mais uma vez. A expectativa era enorme por um momento fugaz que se dilatava no tempo.

Lá pelos 14 anos me dirigia caminhando para o clube Brillhante, para frequentar a piscina, na companhia da mesma amiga, uma vizinha. Na minha quadra frequentava a funerária da esquina, de propriedade do seu avô, aqueles caixões lado a lado em uma sala escura me pareciam assustadores. No outro lado da quadra estava a doçaria de Nilza Ruas, não tinha nenhuma placa, era amiga de sua neta, sempre tinha uma mesa enorme com doces em confecção, lembro que me foi oferecido um doce uma única vez, assim, descobri o falso brigadeiro, com leite condensado e maizena para render e baratear o produto. Tinha o sentimento de pertencimento à rua, considerando que tanto brincava no espaço público, como frequentava a casa de vários vizinhos, hoje em dia a maioria das moradias viraram comércio ou serviços e acabei perdendo o vínculo. A caminho do clube Brillhante, pela Andrade Neves, sempre comentávamos as mesmas coisas, ela dizia olha o meu vaso! Um enorme vaso rajado marrom e verde, na fachada lateral de uma casa de cimento penteado. O vaso era responsável por dar mais imponência a casa. E eu dizia: olha a minha casa! Uma casa branca de aberturas verdes, que morava um médico conhecido. O fato de passarmos inúmeras vezes pelo mesmo percurso, de certa maneira fazia com

que nos apropriássemos do trajeto, e na volta da piscina o percurso era sempre com cheirinho de banho recém tomado.

Na saída do colégio, no sábado pela manhã, já no segundo grau, os adolescentes tinham um ritual: caminhar em grandes bandos pelo centro da cidade, cruzando uma das poucas galerias comerciais que havia na época. Depois que descobri o garoto mais lindo da cidade passei a segui-lo pelas ruas e no recreio do Colégio, de forma extremamente discreta que acredito que até hoje ele não deve ter a menor ideia de quem eu sou. Também o seguia na praia do Cassino, descobri sua casa, mas também de vários *surfistas*, garotos que andavam com pranchas de surf e que na verdade nem sei se realmente sabiam surfar. Nesta época comecei a desenvolver o *caminhar investigativo*, ou seja, seguir pessoas, prática comum entre os adolescentes.

A única mágoa da infância é nunca ter tido permissão para sentar no murinho um verdadeiro *point* infanto-juvenil, onde pré-adolescentes se encontravam a noite na avenida principal da praia do Cassino, realmente o lugar era muito escuro, por isto mesmo muito disputado, uma mureta de uns 50 cm de altura, do edifício Pelotas, hoje infelizmente o murinho foi gradeado. Outra experiência que tinha como agradável era caminhar durante a madrugada na cidade, passava mais caminhando entre um bar e outro do que dentro dos mesmos e depois voltava para casa, quase amanhecendo, quando a cidade era só minha.

Depois de muitos e muitos anos passados me encontro na mesma posição de detetive urbano, na qual a errância depende do percurso do outro, me deixo conduzir, mas também sou autora do meu caminhar, que me proporciona deleite tanto em repetir infinitas vezes o mesmo percurso como caminhar por zonas desconhecidas.

Amsterdã: seguindo a manada

Em 2012, depois de haver morado por cinco anos em Barcelona, resolvi conhecer Amsterdã, me senti de novo uma adolescente seguindo o bando que saía da escola em direção à galeria central. Só que desta vez, percorrendo zonas muito mais perigosas que o murinho do edifício Pelotas, na praia do Cassino. O bando, era literalmente, uma manada de turistas, que percorriam o famoso *Red Light District*, bairro no qual os profissionais do sexo trabalham em cabines. Segundo o *The New York Times*, mais de mil tours são realizados por semana na área e existe a possibilidade a partir de 2020 de ser barrada a presença massiva dos turistas.

Eu era mais uma, sozinha, mas em grupo, fui literalmente conduzida por eles. Percorríamos ruas estreitas e pouco iluminadas, luzes vermelhas ambientavam os diversos locais de prostituição um ao lado do outro. As portas também eram envidraçadas, e se podia apreciar o interior, pequenas peças totalmente azulejadas, todas contendo uma pia, papel toalha e talvez álcool gel ou sabonete líquido. Não parecia um lugar destinado ao sexo, mais pareciam ambulatórios para aferir a pressão ou tomar uma injeção, uma assepsia de dar inveja, talvez por isso não tenha visto ninguém entrar em uma das inúmeras portinha do pecado ultra higienizado. As mulheres estavam de roupa íntima ou no máximo topless, sorriam para os turistas.

Eles, por sua vez, extremamente grosseiros, muitos bêbados se puseram às gargalhadas quando surgiu em uma vitrine-janela uma prostituta, um tanto fora do padrão local, com seios exageradamente grandes. A maioria das mulheres, pareciam ser latinas e em nada se assemelhavam as esguias nativas. Segui mais um pouco a manada e cheguei a um dos canais, onde encontravam-se as mulheres mais bonitas e dispostas em quase todas as janelas das edificações de tijolos à vista de uns três

andares. Resolvi dar uma parada para tomar uma cerveja em um bar, mas como estava sozinha, assim que a bebida terminou saí do local.

Segui caminhando pelo canal e mais adiante encontrei uma enorme fila de turistas, era um teatro que exibia show de sexo explícito, ou sexo Split! O show não era nada barato, e havia uma segunda opção de comprar uma moeda e visualizar em uma cabine por um minuto aproximadamente. Acabei me decidindo pelo show, afinal não queria voltar tão cedo para o albergue. Os números do show eram rotativos, um show ininterrupto sem direito a intervalo. Quando aparecia o mesmo número, era sinal de que já se tinha visto tudo.

Figura 3: Collage de aluna da FAURB-UFPEL, tema Amsterdam.
Figura 4: Teatro Casa Rosso, Amsterdam. Fonte: <https://ultimate-european-party-destination.com/>



Quando entro no teatro completamente no escuro, encontro um funcionário que me conduz com uma lanterna a um assento. Surge no palco um casal que se posicionam na forma de um x com os braços e pernas estendidos, um sobre o outro e desta forma extremamente acrobática e desconfortável fazem sexo em uma plataforma circular que girava em sentido horário, pareciam o homem vitruviano em ação. A pobre mulher, não muito jovem acusava extremo cansaço em seu rosto, fico imaginando quantas vezes será que se apresenta em uma noite? Não há gemidos, somente música alta acompanhando a sincronia de movimentos mecânicos e repetidos a exaustão, a falta de naturalidade acaba por agredir os sentidos. O número a seguir é de uma moça com um objeto de vidro colorido transparente, uma verdadeira escultura fálica, realmente muito bonita, sem nenhuma diferença com as peças de murano que encontramos em profusão em Veneza. A peça deve ser muito segura, mas confesso que senti uma sensação bastante desagradável, como que a qualquer momento iria se romper e o palco ficaria inundado de sangue. Enquanto isto, o funcionário caminhava sem parar pelos corredores do teatro com sua lanterna em direção as filas de cadeira. Uma inspeção constante, como alguém pode se excitar com tamanha artificialidade? Os corpos nus em movimento pareciam se transmutar e a pele macia se converteu em um plástico duro e brilhoso como qualquer boneca à venda.

Fecho os olhos e me reporto a Dafne e Apolo de Bernini, a pele pétreia infinitamente mais dura que o plástico e a mais suave de todas, os corpos em ascensão, o movimento congelado, as folhas de louro dos dedos de Dafne pareciam se mover milimetricamente conforme eu seguia circulando. Caminhei infinitas vezes ao redor da escultura, num estado de êxtase, e lágrimas, nunca havia tido uma experiência estética como esta, saí da Galeria Borghesi propositalmente sem comprar nenhuma imagem da escultura. Até hoje me pergunto se o tamanho reduzido da sala não tenha sido um dos fatores para potencializar a experiência.

Voltando ao teatro, pessoas entram e saem a todo momento. Embora estivesse bem cheio, ao meu lado não havia ninguém, e havia poucas mulheres, com o qual eu não era a única. Porém durante o segundo número, que parecia transcorrer tranquilamente, entrou um turista japonesa ou chinesa que sentou-se ao meu lado,

passados uns breves minutos ele colocou a mão na minha perna e eu mais que ligeira dei um salto e saí o mais rápido que pude. O teatro por coincidência possui um elefante bem no meio da fachada desenhado em neon pink, conectando-se com o personagem de Barcelona.

Me lembrei da minha avó contando do Show que viram em Paris em uma excursão pela Europa, que ganhou do meu tio em comemoração aos seus 70 anos. Um dos colegas de excursão no final disse: não posso mais ver mulheres nuas por um bom tempo! E, eu nunca mais quero ver novamente um show de sexo *Split*. A partir desta experiência transformei em tema de *collage* na minha disciplina de representação, a ideia era fazer uma collage de diferentes cidades, e uma delas foi Amsterdam e o Red District, A aluna extremamente tímida pediu-me para nunca revelar o seu nome caso um dia viesse a usar a imagem da collage, por isto não aparece o autor do trabalho.

Na collage ela exagerou o tamanho das prostitutas nas janelas, enfatizando a temática, criou uma árvore de bocas de batom extremamente ordenada, talvez querendo sugerir timidamente o tema do desejo e associou a bicicleta, um dos principais meios de transporte com o sexo, sexo é vida (escrito na collage com recortes de revista) e andar de bicicleta é vida saudável. Na parte inferior os canais são representados com uma espécie de mão líquida, que se conecta com a mão do chinês ou japonês na minha perna!

Caminhando pelo Borneo, Amsterdam.

No dia seguinte resolvi caminhar pelo bairro Borneo- Sporenburg, para conhecer uma obra de Enric Miralles, arquiteto catalão que estudei na minha tese de doutorado, um pequeno edifício residencial, de tijolos à vista extremamente colorido, que gosto de dar para os meus alunos desenharem a interessante composição de janelas atravessadas por listras de tijolos coloridos.



Figura 5: Edifício de Enric Miralles, Borneo, Amsterdam. Fonte: da autora, 2012.
Figura 6: Representação gráfica da aluna Ana Dora, disciplina de Expressão Gráfica, técnica mista. Fonte: acervo da autora.

Costumo utilizar nas minhas disciplinas de desenho na Faculdade de Arquitetura uma fotografia que tirei no bairro Borneo de uma sequência de casas contemporâneas, de três pavimentos, algumas extremamente transparentes, que se desmaterializam ao se refletirem no canal. Estas casas de proporções verticais com sobreposição de divisões horizontais se prestam as mais diversas explorações, dada a sua falsa neutralidade são recebidas como diria Fuão amorosamente por outros entornos. Apresento uma montagem de um aluno na qual as casas se tornam monocromáticas e mais neutras do que realmente são para evidenciar a fantasia do entorno com palmeiras a perderem-se de vista com uma gondola no primeiro plano criando uma

atmosfera romântica de final de tarde. Sempre me fascina a fotocomposição de René Magritte na qual a Ópera de Paris se encontra em um entorno rural cheio de vacas. Me faz recordar uma frase de Enric Miralles, sobre ver um lugar em outro, em realizar collages. “(...) *sin viaje, sin movimiento, no hay traslado y, a mí, más que visitar Hamburgo em Hamburgo y Japón en Japón me interesa combinarlos y buscarlos unos em otros. Eso lo puedes hacer trasladándote hasta esos lugares.* (Enric Miralles, *Time architecture 4*, pg. 60.61 cit em CEZAR).

Figura 7: Fotografia no bairro Borneo. Fonte: da autora, 2012.
Figura 8: René Magritte, Ópera de Paris. Fonte: acervo da autora, 1929.

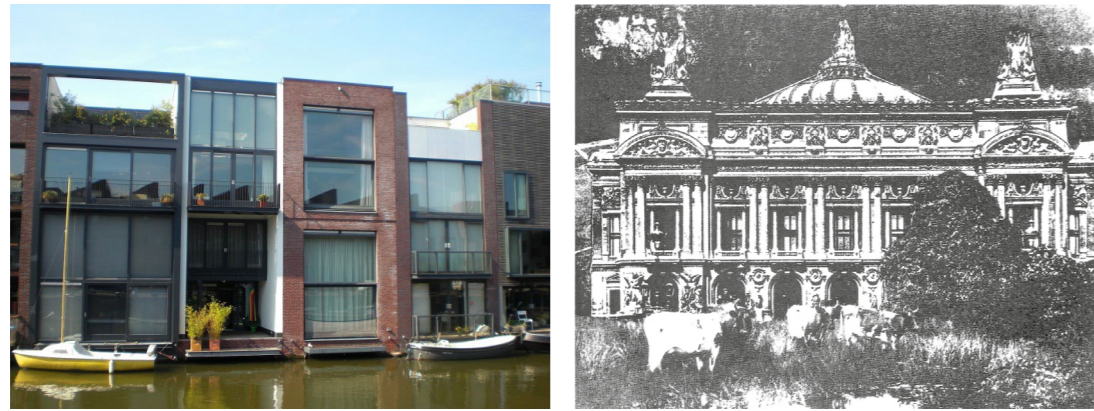


Figura 9: Desenho e fotomontagem, aluno Breno Felisbino, FAURB-UFPEL. Fonte: acervo da autora.



O mais interessante não foram as obras de arquitetura, mas caminhar pelo espaço urbano, e vivenciar as ruas com crianças brincando na frente de suas casas, algumas eram extremamente pequenas e não estavam acompanhadas. Segundo Jane Jacobs, as crianças sempre estão mais seguras ocupando o espaço da rua do que brincando em parques. A rua realmente era uma extensão do espaço doméstico, e eu quase podia invadir a intimidade do lar, as enormes janelas permitiam ver todo o interior das salas, a decoração em sua grande maioria em tons neutros e muito claros, e as garagens sempre com várias bicicletas, e muitas casas com as portas abertas, quase me senti convidada a entrar. Sempre que viajava sozinha, me deleitava ao observar as famílias e principalmente as crianças, os breves momentos ao cruzá-las fazia diminuir drasticamente o ritmo das minhas passadas. Caminhar e caminhar sozinha e observar a vida dos outros, escutar as breves conversas nos transportes públicos e os curtos diálogos que tinha em longas semanas me forçava a um caminhar paralelo o caminhar das memórias vividas.

Enquanto caminhava me lembrava da minha infância, da casa da tia Rafaela, que tinha uma mureta no alinhamento predial, na qual me debruçava e ficava apreciando o movimento da rua em frente ao canal da Argolo; ou quando era bem pequeninha, à noite, ela me sentava sobre a mureta, segurava as minhas costas com um abraço carinhoso para vermos a lua. Parece que lua foi uma das primeiras palavras que



Figuras 10 e 11: crianças no bairro Borneo, Amsterdam. Fonte: da autora, 2012.

pronunciei. A casa tinha um reboco grosso que lembrava picos duros de merengue sempre pintado na cor de sorvete de creme. O canaleta era igualmente áspero ao toque com sua vegetação de espinhos e pequeninas flores vermelhas em suas floreiras de cimento penteado, a calçada extremamente estreita, na qual o meu corpinho infantil se encaixava. Na sua casa sempre tinha cravos em pequeninos vasos na mesa, os cravos eram colhidos do seu jardim. O jardim era perfeito à minha escala, no recuo lateral da casa, com pequenos canteiros ao centro, adorava correr e brincar por lá. Costumava também brincar na entrada do meu edifício, um espaço de transição, aberto para a rua, que por sorte ainda não foi gradeado, com duas imponentes colunas, que gostava de abraça-las, tenho algumas foto lá brincando com a minha prima, as duas vestindo o mesmo macacão alaranjado de bolinhas brancas. No processo da collage descubro que o *homem- elefante* está usando um boné da mesma cor que o meu macacão!

Felizmente consigo montar uma composição dinâmica, utilizando as seis fotos encontradas no antigo álbum de fotos, em que estamos explorando o espaço. Opto por iniciar com a gaiola de pássaros e o vizinho; continuo a sequencia no mesmo lugar, dando a entender que o vizinho foi embora, mudamos de posição, nos degraus, depois em frente à coluna e finalizo na calçada. As nossas fotos da infância me faz recordar uma *collage* de Miralles do projeto do concurso para o Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza, na qual incorpora inúmeros registros de sua filha Caterina brincando com outra criança nas escadarias da Basílica de Santa Maria da Saúde em Veneza.



Figuras 12 e 13: Sequencia fotográfica, Laura e Silvia brincando no Edifício Uruguiana, Pelotas. Fonte: acervo da autora.

Figuras 14 a 17: Sequencia fotográfica, Laura e Silvia brincando no Edifício Uruguiana, Pelotas.
Fonte: acervo da autora.



Figuras 18: Fotomontagem de Enric Miralles para o concurso do IUAV.
Fonte: acervo da autora.

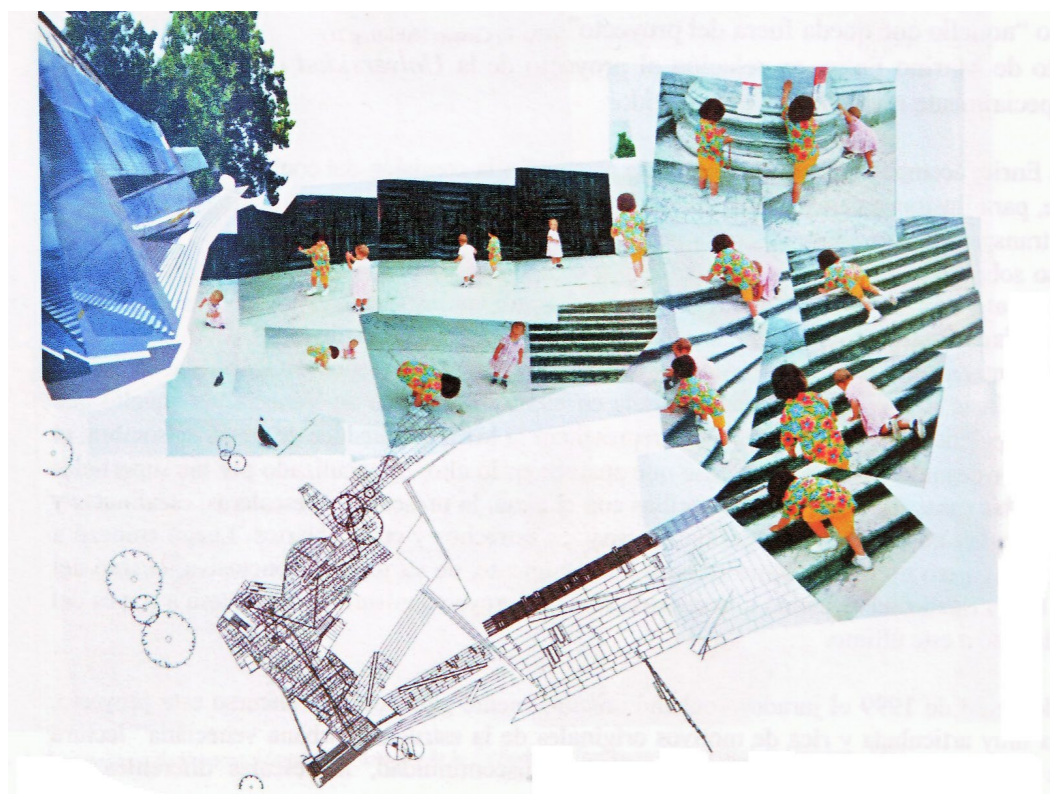


Figura 19: Fotografia do álbum de infância, encontrado depois de vários dias de busca. Casa geminada tia Raphaela, na rua general Argolo e fotografia atual do canalete. Fonte: da autora.

Barcelona: Seguindo o homem elefante

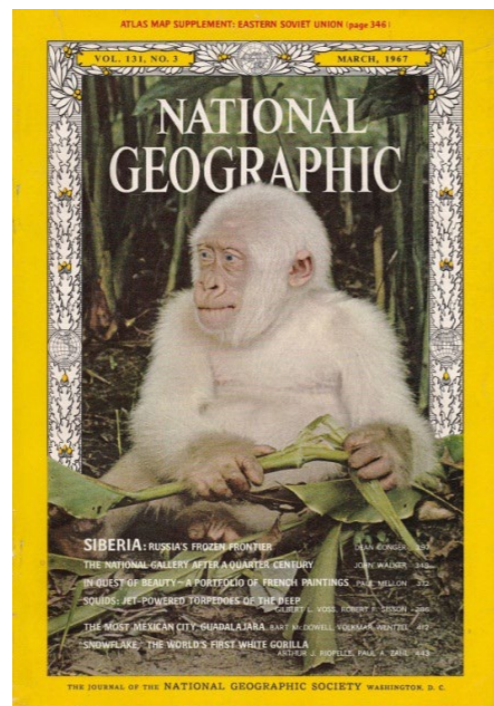
Quando fui morar em Barcelona em setembro de 2003, fui advertida por uma conhecida a não andar pelo bairro do Raval, que se situa a direita das ramblas, e que deveria circular só pelo bairro gótico, à sua esquerda, na direção do mar. O Raval é um bairro habitado por muitos imigrantes árabes, principalmente paquistaneses, e conhecida zona de prostituição da cidade. Pois eu frequentava ambos territórios, lá tinha ótimos restaurantes árabes, e diversas casas noturnas, que na sua maioria não eram frequentadas por turistas. Muitos paquistaneses à noite vendiam cerveja nas Ramblas e, quando aparecia a polícia escondiam as latas nos coletores de lixo. Costumava ingressar pelo bairro cruzando o Mercado da Boqueria ou indo para casa -por Nou de la Rambla, rua perpendicular às ramblas, e passando pela frente do magnífico portão de ferro fundido do Palau Guell, de Gaudí, repeti este trajeto infinitas vezes, que quase me atrevo a desenhar o portão de memória.

Em Barcelona no ano de 2006, cruzei por um homem no bairro gótico que circulava completamente nu segurando uma sacola plástica e calçando sandálias de couro, boné laranja desbotado, um homem de estatura mediana, corpo dourado e aparentando ter mais de 60 anos. Caminhava tranquilamente como qualquer pessoa vestida, o órgão sexual, de proporções pra lá de avantajada se movimentava pela cadência do seu caminhar e completamente adornado com inúmeros percings prateados. Tenho uma segunda surpresa ao me virar para trás como fazia quando cruzava com o menino em direção à escola. Suas nádegas eram completamente tatuadas de forma homogênea, em tom grafite escuro imitando um comportado calção de banho. Ou seja, ele estava ao mesmo tempo nu e vestido, fiquei fascinada com a ambiguidade e dupla leitura que a sua imagem suscitava. Um homem das cavernas e ao mesmo tempo um homem contemporâneo, um transgressor do espaço urbano, um personagem da cidade, porém bem menos famoso que o Gorila *copito de nieve* 1966-2003. O gorila albino que era a principal atração do Zoológico de Barcelona, presente nos cartões postais da cidade, de tão famoso chegou a ser capa da National Geographic em 1967, infelizmente não o conheci pessoalmente, mas tive a honra de *conhecer* o homem nu mais famoso de Barcelona.

Aqui coloco copito de nieve ao lado do homem elefante, copito de nieve observa atentamente o homem elefante, mas ele se mantém indiferente ao olhar do primata,

Figura 20: Homem nu caminhando pelo bairro Gótico. Fonte: acervo da autora.

Figura 21: Capa da National Geographic com imagem do gorila albino. Fonte: National Geographic, 1967.



ao contrário de Derrida que sentiu grande pudor ao ser observado nu pelo seu gato. O homem e o primata se atraem e se colam, um sobre o outro se tornam um.

Dirigia-me para a biblioteca do Colégio de Arquitetos da Catalunha, COAC, estava a poucos metros do prédio, mas imediatamente mudei o meu trajeto e resolvi segui-lo como fazia na adolescência atrás do menino mais lindo da cidade. Queria ver onde estava indo e a reação das pessoas ao cruzarem por ele. Senti que estava dentro de um filme como que estivesse encontrado Dona Flôr e seus dois maridos de Jorge Amado, ou melhor, um filme de Almodóvar.

Segui o *homem elefante* como é conhecido pela rua portaferrissa até as Ramblas, nas ramblas passamos pela frente do Palácio de la Virreina em estilo barroco, sede cultural da prefeitura de Barcelona, centro de informações turísticas, o qual fui inúmeras vezes para pegar todos os folders de apresentações de música para a minha mãe. O palácio possui um lindo pátio interno onde ficam os bonecos gigantes da cidade, similares aos do Carnaval de Olinda. Logo em seguida encontra-se o Mercado da Boqueria.

Neste curto trajeto matutino cruzamos por inúmeros turistas, muitos recém chegados à cidade ainda carregando suas malas de rodinhas, todos extasiados, paravam de caminhar, riam e comentavam sobre o encontro inesperado com o homem nu que parecia ignorá-los. Nas Ramblas havia um grupo de aproximadamente 8 a 10 inglesas, todas com a mesma camiseta pink e uma delas com uma grinalda e uma tiara fálca na cabeça, estava extremamente maquiada e toda borrada. Seguramente chegavam para comemorar uma despedida de solteira. Quando o avistaram do outro lado da rua, começaram a gritar e correr em sua direção, não sei como ele não caiu no chão, o envolveram numa roda e pulavam freneticamente, outros turistas paravam e tiravam fotos da cena grotesca. Ele reagiu com alguns sorrisos, mas tentando seguir o seu trajeto e acenando para elas em forma de despedida. Por fim conseguimos entrar no Mercado da Boqueria.

Seguia-o mantendo uma distância constante de uns três metros aproximadamente. Dentro da boqueria não havia muita gente, eram umas 9h30 da manhã, ele passa pelas bancas da frente, sem nem dar uma olhada, somente frutas, há de tudo das



Figuras 22 e 23: Bancas de frutas na circulação principal, no Mercado da Boqueria. Fonte: da autora, 2006.

mais comuns as mais exóticas, estão todas dispostas em uma ordem rigorosa de perfeição para atrair a atenção dos turistas. Ele se dirige para uma circulação lateral e para em uma banca de presuntos, queijos, azeitonas e frutos secos. Uma mulher o atende e parecem serem antigos conhecidos, conversam animadamente em catalão, vejo que compra presunto cru, queijo e enormes azeitonas verdes.

Resolvo comprar um suco de coco com abacaxi, muitas bancas deixaram de vender frutas para venderem sucos e bandejinhas com um mix de frutas cortadas para os turistas. Os sucos estão todos prontos, sobre uma bancada coberta com gelo para manter a temperatura, afinal muitos turistas, principalmente os que descem no Porto não devem nem ter tempo de esperar pelo seu rápido preparo. A seguir ele se dirige para uma banca de cerejas frescas, a atendente jovem, parece se incomodar com a sua presença, aproveito e me coloco ao seu lado, também sou louca por cerejas frescas, consigo ver bem o seu rosto de perfil, possui uma barba totalmente branca, ele vira o rosto para mim e nos cumprimentamos em catalão. Depois das compras feitas, o sigo mais de perto, pois já sentia uma certa simpatia por ele.

Vamos para a parte mais interna do mercado onde estão todos os peixes e frutos do mar. Começo a respirar somente pela boca e me sinto desconfortável com o cheiro, torço para que ele finalize logo suas compras. Agora ele com três sacolas e eu com as minhas cerejas garantidas, seguimos em direção a saída principal, já me desconcentro em ver a atitude das pessoas, e começo a pensar em que momento de sua vida resolveu andar nu pela cidade e o porque, mas decido que não vou abordá-lo, quero apenas seguir o seu rastro, e desfrutar da experiência.

Na saída, para a minha surpresa estão entrando na Boqueria dois padres, imagino que devam ser italianos, ficam boquiabertos, um deles gordinho e de pele extremamente clara fica completamente enrubescido ao olhar para baixo e deparar-se com a enorme tromba, o outro faz o sinal da cruz umas três vezes no mínimo, aumentam o passo e se dirigem para as bancas turísticas.

Descemos as ramblas em direção ao monumento de Colón. No caminho, pelo passeio das Ramblas ele cumprimenta dois senhores que estão sentados e mais adiante para por uns 10 minutos e conversa com um terceiro homem que trabalha em uma banca de souvenirs, vários turistas se aproximaram e os fotografam, os amigos conversando animadamente parecem não se importarem. Para disfarçar vasculho chaveiros e postais com temas da cidade. Começo a lembrar-me dos guias turísticos que comprei de Barcelona, antes de chegar à cidade para morar. Depois me dei conta que muitas imagens eram retocadas, principalmente as obras de Gaudí, as cores eram sempre mais vivas do que realmente eram. Recém saída de Pelotas, onde as fachadas comerciais da cidade abusam de todas as cores em sua máxima saturação, Barcelona a principio me parecia triste e cinzenta, mas logo me senti seduzida pela delicada ornamentação da maioria dos edifícios modernistas e em poucos meses a

cidade foi se tornando colorida e vibrante, nem mesmo o terrível cheiro de esgoto que se sentia no bairro gótico me incomodava mais.

O som das Ramblas é único, quase posso escutar enquanto escrevo, som de pássaros e de outros animais que são vendidos em algumas bancas se misturam com os automóveis e o burburinho de gente e dos inúmeros artistas de rua que se apresentam por lá.

Passa um menino de uns 7 anos de idade acompanhado do pai segurando um lindo bouquet de flores, seguramente recém comprado nas ramblas, o menino ao mesmo tempo ri e coloca uma das mãos sobre os olhos, e na sequência aponta para o nosso personagem, na sua inocência é espontâneo. O pai começa a conversar com ele, talvez buscando uma explicação para ser possível encontrar um homem nu em plena cidade. Até o ano de 2011 era permitido pelo estatuto da cidade de Barcelona pessoas andarem nuas pelas ruas, atualmente quem for pego andando nu pagará uma multa de 500 euros à prefeitura.

Sigo-o até o monumento Colón, me despeço carinhosamente dele em pensamento, ele se dirige para o bairro da Barceloneta, fico parada imóvel até ele desaparecer, como acontece no final de muitos filmes, talvez more por lá, mas não quero descobrir como fazia na adolescência, a imaginação muitas vezes é melhor que a realidade, quem sabe qualquer dia possa encontra-lo novamente, talvez na praia da Barceloneta.

Se por questões culturais e teológicas a nudez é um acontecimento (na intimidade do lar) e não um estado, para ele era um estado permanente e para os expectadores um acontecimento. O altíssimo grau de naturalidade, do seu caminhar, fez com que durante o tempo em que o segui, por vezes, me esquecesse de que ele realmente estava nu. Será que ele estava realmente nu? Me atrevo a dizer que ele não se sentia em absoluto nu, considerando que não havia a ideia de pudor de sentir-se observado, embora era constantemente observado. Ele se encontrava ao mesmo tempo na contemporaneidade e antes do pecado original, quando Adão e Eva viviam nus sem saberem que estavam nus apenas vestidos de Glória da luz divina. A teologia somente aceita a nudez com a veste divina, sempre haverá uma veste, pois sendo assim ele veste a veste da inocência, da pureza infantil, que desconhece a nudez, apenas um corpo que caminha e caminha, que ensina a caminhar e ensina uma das facetas de liberdade segurando um simples saquinho plástico.

Segundo Giorgio Agamben (2010):

No início do século XX se difundiram na Alemanha e depois no resto da Europa movimentos que pregavam o nudismo como novo ideal social, reconciliado com a natureza do homem, isso só tenha sido possível opondo a nudez obscena da pornografia e da prostituição, a nudez como veste de luz, isto é invocando inconscientemente a antiga concepção teológica da nudez inocente como veste de graça. O que os naturistas mostravam não era uma nudez, mas uma veste, não era natureza, mas graça.

Na graça o corpo é um instrumento que manifesta liberdade.

Costumava frequentar a praia ao lado do Porto Olímpico, o mar sempre sem ondas me inquietava e sentia a necessidade de caminhar pelas praias, um dia cheguei até a praia de Marbella, a destinada aos nudistas. A maioria das pessoas deveriam ter uns 60 anos ou mais, e pouquíssimas mulheres. Senti-me uma intrusa, como se estivesse infringindo as regras do ambiente, e na realidade estava, talvez uma

postura antiética em um ambiente de homens nus. A princípio caminhava na praia mais por curiosidade e confesso que até ria de algumas cenas que presenciei, como um grupo de amigos jogando cartas, e de detalhes de certos corpos. Era aquela menina que finalmente podia frequentar o murinho da praia do Cassino.

Todas as visitas que recebia em Barcelona fazia questão de leva-las até lá, agora passados muitos anos entendo o porquê. Com o tempo sem dar-me conta comecei a pertencer mesmo sempre caminhando vestida na praia, devido a minha intolerância ao sol e apesar de certos olhares de reprovação eu continuava a frequentar a praia. Passei a desfrutar a nudez no corpo dos outros, me transformei numa hospedeira, me imaginava sendo aquela velhinha, magrinha, dourada do sol e toda enrugadinha deitada na areia, ou aquele belo rapaz correndo de encontro ao mar, de logos cabelos ruivos esvoaçantes. Mas nunca tirei a roupa, nunca me sentei na praia, apenas caminhava e caminhava. Lá eu conseguia ser o *homem elefante* ao revés, uma figura de resistência, e estava ao mesmo tempo vestida e nua. Obrigada *homem elefante*² pela sensação de plena liberdade!

Um certo dia, me despedindo da praia, este seria o meu último verão em Barcelona, encontro um colega de doutorado acompanhado do namorado, ambos enrolados em cangas úmidas, eles me cumprimentam e rispidamente Kenzo me pergunta: Laura o que estás fazendo aqui? E, eu timidamente respondo, apenas caminhando!

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Editora Relógio D'águas. Lisboa, Portugal, 2010.

FUÃO, Fernando. *A Collage como trajetória amorosa*. Editora UFRGS, Porto Alegre, 2011.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Gustavo Gilli, Barcelona, 2013.

CEZAR, Laura Lopes. Tese Doutoral, *Representação e arquitetura: Álvaro Siza e Enric Miralles*, UPC, Barcelona, 2008.

² Para saber a história completa do homem elefante vá até a reportagem da revista Trip: A rua é pública de 24.08.2012 por Daniel Setti. <https://revistatrip.uol.com.br/trip/a-rua-e-publica>.



Figura 24: Cartografia afetiva- collage-Fragmento. Fonte: da autora.